

A (re)construção de memórias nacionais através dos livros escolares: contribuições do professor autor Joaquim Silva na coleção didática *História do Brasil*

Arnaldo Pinto Junior*

Resumo

Este trabalho analisa a (re)construção de memórias históricas a partir dos estudos escolares propostos por Joaquim Silva, autor da coleção *História do Brasil* para o Curso Ginásial, publicada pela Companhia Editora Nacional entre 1940 e 1963. Amalgamando discursos liberais e românticos, o autor tece em seus textos a idéia de um país grandioso, progressista, sem preconceitos, justo, pacífico, religioso e fruto do cruzamento de raças que gerou homens notáveis que alicerçaram a civilização brasileira. As obras focalizadas sintetizam a história da nação e consolidam determinadas memórias coletivas, tendo como base diversas referências, entre as quais se destacam os programas oficiais para o ensino da disciplina, as produções historiográficas do IHGB, as visões de intelectuais reconhecidos e outros livros didáticos valorizados no mercado editorial da República.

Palavras-chave: Livro didático. Ensino de História. Memórias.

The (re)construction of national memories through school books by contributions of Professor author Joaquim Silva in “História do Brasil” teaching collection

Abstract

This paper examines the (re) construction of historical memories from the school proposed by Joaquim Silva, author of the collection “História do Brasil” for the junior course, published by Companhia Editora Nacional between 1940 and 1963. Amalgamated discourse liberal and romantic, the author weaves in his texts the idea of a great country, progressive, unprejudiced, fair, peaceful, religious and fruit of miscegenation that generated remarkable men that underpin the Brazilian civilization. The publications focused summarize the history of the nation and consolidate certain collective memories, based on several references, which highlight the official programs for the teaching of discipline, the products of historiographic IHGB, the views of intellectuals recognized and other textbooks valued publishing market in the Republic.

Keywords: Textbooks. Teaching of History. Memories.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.

Ecléa Bosi

A crescente produção de pesquisas relativas aos livros didáticos nas últimas décadas reafirma a importância desse produto cultural na história da educação brasileira. Recursos pedagógicos considerados indispensáveis por um número expressivo de professores até nossos dias, os livros didáticos já foram apontados como portadores de “belas mentiras”,

*Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Integrante do Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação da Faculdade de Educação / UNICAMP. Bolsista da CAPES.

criticados por difundirem a ideologia dominante, por trabalharem com perspectivas reducionistas do conhecimento abordado.¹ Foco de intensas discussões travadas a partir do processo de redemocratização na década de 1970, esses materiais também passaram e ser abordados como documentos fundamentais para uma compreensão mais ampla das práticas de ensino formal, das propostas curriculares oficiais, de práticas de leituras escolares, entre outras linhas de análise que foram desenvolvidas nos últimos anos. Fontes de pesquisa educacional para alguns, alvos de duras críticas para outros, os livros didáticos continuam promovendo debates, sobretudo em espaços acadêmicos e escolares.

Procurando participar das discussões mencionadas acima, apresento neste texto uma reflexão sobre a (re)construção de memórias nacionais através dos livros escolares, elegendo como fontes documentais as obras da coleção “História do Brasil” para as séries do ginásio de autoria do professor Joaquim Silva, publicadas entre os anos de 1940 e 1963 pela Companhia Editora Nacional. Produzidas a partir da Era Vargas, as publicações didáticas de Joaquim Silva foram referências para o ensino de história em escolas públicas, confessionais e privadas de todo o país. Atento a grande circulação desse produto cultural/pedagógico, também procuro entender o que transformou as obras de Joaquim Silva em sucessos editoriais.

Publicações complexas, portadoras de concepções tradicionais de educação imbricadas a discursos que acompanhavam o avanço da modernidade capitalista no Brasil, as obras do referido autor propuseram estudos relativos ao passado nacional que dialogavam com referências historiográficas ligadas ao IHGB, programas oficiais de ensino, outros livros didáticos reconhecidos por educadores do período e o pensamento de intelectuais conceituados no país. Buscando fundamentar sua produção didática em visões históricas e culturais consideradas consensuais, Joaquim Silva contribuiu através das publicações didáticas para a (re)construção de memórias nacionais com perspectivas republicanas, democráticas, conservadoras e cristãs católicas. Com narrativas históricas que amalgamaram liberalismo e romantismo, o professor autor de livros didáticos foi o nome mais destacado de sua editora até o início da década de 1960.

¹ Entre os diversos trabalhos que problematizam as discussões sobre os livros didáticos centradas em seus conteúdos monossêmicos, unívocos e ideologizados, a tese de doutorado **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**, de Kazumi Munakata, apresenta uma proposta instigante de pesquisas sobre o tema.

Livros didáticos: produtos culturais valorizando o avanço da modernidade

O avanço dos discursos relacionados à modernidade no Brasil é um processo histórico alicerçado no desenvolvimento do sistema capitalista. Desde meados do século XIX, sensibilidades modernas conquistaram espaços cada vez mais amplos entre determinados grupos sociais localizados nos centros urbanos e/ou que valorizavam a cultura europeia como modelo ideal.

A expansão das concepções culturais europeias no século XIX disseminou o modelo da civilização ocidental pelo mundo. Segundo o historiador Eric Hobsbawn,

Tratava-se de uma civilização capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado; uma Europa cujas populações (incluindo-se o vasto e crescente fluxo de emigrantes europeus e seus descendentes) haviam crescido até somar um terço da raça humana; e cujos maiores Estados constituíam o sistema da política mundial. (HOBSBAWN, 1995: 16)

Os indícios de que o país seguia os passos da cultura ocidental eram claros para os defensores da modernidade brasileira. A transição do trabalho predominantemente escravo para o trabalho livre, o crescimento demográfico da nação, a geração e distribuição de energia elétrica, o surgimento de novos bairros nas grandes cidades, a expansão das estradas de ferro, a instalação de estabelecimentos industriais, a abertura de casas comerciais, o expressivo número de operários nas fábricas, a ampliação de vagas nas escolas, foram algumas das características ressaltadas pelo discurso triunfante dos brasileiros engajados no projeto civilizatório. Os sujeitos responsáveis pela divulgação do avanço técnico e do progresso urbano brasileiro utilizaram diferentes meios para a defesa de suas idéias. Os significados das imagens de modernidade capitalista foram (re)produzidas através de jornais, revistas, obras literárias, livros didáticos, entre outras produções culturais. Trabalhando as perspectivas da modernidade amalgamadas às concepções tradicionais, os sujeitos civilizados revelaram as contradições dos discursos produzidos após a Revolução Científico-Tecnológica. (SEVCENKO, 1998: 8)

A valorização da ciência, da técnica, da produção de riqueza acumulativa, do progresso contínuo, do letramento, a hierarquização dos saberes, a racionalidade instrumental, a compartimentalização do social, a diluição da figura do sujeito são algumas referências das chamadas sociedades civilizadas. Na maioria dos meios de comunicação controlados por

liberais no Brasil, as palavras urbanização e civilização fundiam-se. As idéias relacionadas ao progresso e à ordem positivista ressaltavam a importância da razão, da ciência e da técnica para a civilização.

Nesse cenário de transformações culturais, onde ocorreram batalhas de percepções (GAY, 1988: 36-41) envolvendo diferentes grupos sociais, travaram-se embates em torno da construção de uma memória histórica nacional, desafio político encarado por sujeitos que pretendiam civilizar a nação, educar as novas gerações, ressignificar o passado brasileiro e projetar um futuro promissor. Contudo, esse projeto não estava definido *a priori*. A tarefa de rememorar o passado da nação não foi controlada somente pelas elites modernas e suas visões de mundo. Nesse sentido, o historiador Michel de Certeau nos alerta que

(...) as ações culturais constituem movimentos. Elas inserem criações nas coerências legais e contratuais. Inscrevem trajetórias, não indeterminadas, mas inesperadas, que alteram, corroem e mudam pouco a pouco os equilíbrios das constelações sociais. (...)

Em primeiro lugar, a própria possibilidade dessas ações implica que os sistemas não sejam mais pensados como objetos estáveis perante o olhar imóvel do saber. Esse saber apóia-se em uma posição de força. Considera como adquirida por uma classe burguesa ou uma sociedade européia a concessão perpétua do lugar privilegiado que ela ocupa. Os sistemas aparecem antes como estruturas em processo de deslocamento, como equilíbrios de forças em conflito. (CERTEAU, 1995: 250)

Os livros didáticos de história tiveram sua participação no processo de avanço da modernidade capitalista no Brasil. Esses produtos concebidos com fins pedagógicos circularam dentro e fora de estabelecimentos de ensino difundindo valores aparentemente contraditórios, mas que refletiam o equilíbrio de forças em ação.

A trajetória do professor autor de grandes sucessos editoriais

Para ampliar a compreensão das obras didáticas focalizadas, procuro estabelecer relações entre a formação sócio-cultural do autor, sua trajetória profissional e suas produções editadas a partir da década de 1940.

Filho do imigrante português João José da Silva e da sorocabana Maria Vieira da Silva, Joaquim Silva nasceu na cidade de Sorocaba (SP), em 23 de novembro de 1881. Vivendo seus primeiros anos de vida em uma cidade do interior paulista, o jovem Joaquim participou das rodas sociais da elite local. Seus pais eram comerciantes, foram proprietários de um armazém na região central da cidade, depois abriram uma tipografia e um jornal nos anos finais do século XIX. Maçom da influente Loja Perseverança III desde a década de 1890, venerável por diversos anos da referida loja, o comerciante e jornalista João José da Silva

atuou na política ao lado de grupos situacionistas locais no período republicano, chegando a ser tabelião na cidade a partir de 1902.²

Enquanto seus pais ampliavam suas atividades na última década do século XIX em Sorocaba, Joaquim Silva diplomou-se na Escola Complementar de São Paulo em 1898. Voltando para a cidade natal, exerceu o magistério primário no Grupo Escolar “Antônio Padilha” e pouco tempo depois, já era integrante da mesma loja maçônica do pai. As boas relações da família de Joaquim Silva com os poderes públicos, a imprensa e as elites locais eram evidentes. O jovem pedagogo teve uma trajetória notável no magistério junto às escolas públicas. Como sujeito habituado ao mundo das letras, contribuiu para os principais jornais de Sorocaba. Por sinal, a atividade jornalística começou ainda na adolescência. Segundo Francisco Camargo César, no artigo “A Imprensa Sorocabana”, publicado no *Almanach Illustrado de Sorocaba para 1914*, o jornal *O Republicano* apareceu em 1895 redigido pelos senhores Joaquim Silva e João de Almeida.³ Além de escrever para o jornal da família até o ano em que deixou de circular (1908), Joaquim Silva passou a contribuir regularmente para o *Cruzeiro do Sul*, jornal situacionista mais destacado da cidade após a década de 1910.

Na década de 1910, foi designado diretor do Grupo Escolar de Tatuí, até ser transferido novamente para Sorocaba como primeiro diretor do Grupo Escolar “Visconde de Porto Seguro”, cargo que exerceu entre 1914 e 1921. Bem relacionado, o professor Joaquim Silva sempre foi presença constante em festas religiosas, recepções a autoridades estaduais e nacionais, solenidades cívicas, comemorações oficiais, campanhas beneméritas, além das atividades sociais que os jornais locais atestavam em suas notas. No ano de 1921 trouxe novas mudanças para o então diretor de escola pública sorocabana. Na cidade de Pirassununga passou a atuar como lente de pedagogia da Escola Normal até 1927, ano em que se aposentou. (MELO, 1954: 582)

A aposentadoria junto ao serviço público não significou o retorno à cidade natal, nem tampouco o fim das atividades pedagógicas. Joaquim Silva mudou-se com a família para São Paulo e entre as décadas de 1930 e 1940 foi professor de diversas instituições de ensino: Liceu Nacional Rio Branco, Colégio São Luís, Colégio Madre Cabrini e Ginásio das Cônegas de Santo Agostinho (*des Oiseaux*). Concomitantemente, passou a escrever e

² ALMEIDA, Aluísio de. Professor Joaquim Silva (Porto Seguro – Órgão do Grupo Escolar, 14.12.1964. Homenagem ao 1º Diretor do Grupo Escolar “Visconde de Porto Seguro”). **Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba**. Sorocaba (SP), v. 1, n. 12, 2007, p. 177.

³ Cf. pp. 169-172.

publicar textos e livros didáticos pela Companhia Editora Nacional, juntamente com outros professores autores que atuavam em renomadas escolas da capital do estado.

Como Joaquim Silva se tornou um autor de livros didáticos de história por uma editora de grande porte? A vida profissional de Joaquim Silva, suas experiências nas escolas públicas e privadas, além de suas relações sociais viabilizaram o trabalho junto a Companhia Editora Nacional. No início da década de 1930 o professor Joaquim Silva publicou seus primeiros livros e textos didáticos. Nos anos de 1931 e 1932 a Companhia Editora Nacional produzia os livros denominados “Exame de Admissão – Aos Gymnasios officiaes”, obras divulgadas pelo catálogo da editora como a melhor compilação de pontos para a admissão ao ginásio até aquele momento publicada e organizada por uma reunião de professores do Liceu Nacional Rio Branco, da cidade de São Paulo.⁴ Nesse período, Joaquim Silva atuava na referida instituição de ensino e contribuía na parte de história do Brasil da publicação coletiva. E mais, a partir de 1932 a Companhia Editora Nacional já apresentava seus primeiros livros de “História da Civilização” em catálogo, anunciando como a melhor obra no gênero, além de confeccionada de acordo com o programa do Colégio Pedro II.⁵

A coleção de “História do Brasil” do professor Joaquim Silva foi publicada a partir de 1940, no contexto da criação da Comissão Nacional do Livro Didático (1938). A referida Comissão do Estado Novo tinha como atribuições principais a avaliação, autorização de circulação e recomendação de uso dos livros didáticos nas escolas do país. A ditadura de Getúlio Vargas, por um lado, fiscalizava diretamente a produção e circulação dos livros didáticos; por outro, estimulava o aquecimento do mercado editorial com a concorrência entre as empresas por indicações de uso nas escolas. Assim, surgem na virada da década de 1930 para a de 1940, um número considerável de novos autores e de novas publicações no mercado (REZNIK, 1992, p. 154). O experiente autor e a atuante editora não perderam a oportunidade de ampliar suas produções e inserir mais títulos didáticos no mercado. Em um cenário de novas diretrizes educacionais e expansão do número de alunos, o nome do professor Joaquim Silva foi utilizado como referência de conhecimentos históricos e pedagógicos pela Companhia Editora Nacional. Professor de renomados colégios paulistanos e autor de uma

⁴ Acervo Histórico da IBEP-Nacional. Pasta 09: Catálogo Geral (1931-1932). Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1931, p. 52. Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1932, p. 62.

⁵ Acervo Histórico da IBEP-Nacional. Pasta 09: Catálogo Geral (1932-1934). Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1932, p. 66. Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1933, p. 99. Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1934, p. 113.

bem sucedida coleção de “História da Civilização” na década de 1930, homem culto, interlocutor de historiadores do IHGSP, Joaquim Silva seria um nome confiável para a expansão bem sucedida dos projetos didáticos de sua editora.

As memórias históricas em (re)construção

Compreender os livros didáticos como produtos culturais de sua época é fundamental para que o caráter pedagógico não seja analisado à luz de referenciais posteriores. Nesse sentido, discordo das abordagens que analisam os livros didáticos como exclusivamente disseminadores de visões homogeneizadoras, manipuladores de processos históricos, defensores de discursos elitistas, apaziguadores de tensões sociais e redutores maniqueístas de relações de forças. Imaginar uma narrativa sem diálogos sociais mais amplos tornaria o livro didático uma produção cultural ineficiente. Por mais críticas que possamos realizar aos materiais didáticos de grande circulação, não podemos afirmar que estes não são portadores de significados sociais coletivos.

Joaquim Silva não foi o primeiro e muito menos o último autor de livros didáticos a aplicar simplificações explicativas aos processos históricos abordados, a valorizar o cruzamento de raças que gerou o povo brasileiro, a cultuar heróis e a construir imagens ufanistas do país. A aceitação de suas produções culturais, verificada através do grande consumo e circulação de seus livros, indica para uma satisfação de determinados interesses sociais no período correspondente.

Refletindo nas relações existentes entre a história e a memória nos livros didáticos, entendo que pesquisas sobre esses documentos utilizados tanto em sala de aula como em outros espaços sociais, podem contribuir para as futuras práticas de ensino da disciplina. A análise dessa documentação pode trazer à tona os “lugares de memória” (NORA, 1993) consagrados pela historiografia, por programas de ensino, educadores, editores, autores, além de outros sujeitos históricos. Abordando as memórias individuais e/ou coletivas valorizadas pelos materiais didáticos e outras esferas sociais, podemos problematizar a relação entre memória e esquecimento (RICOUER, 2007) no processo de ensino-aprendizagem da disciplina.

As perspectivas de ensino colocadas em ação por Joaquim Silva contribuíram para a (re)construção de memórias históricas nacionais. Este processo contou com a participação de inúmeros sujeitos, desde historiadores, professores, governantes, advogados, até os que estudaram com seus livros didáticos, ou apenas tiveram acesso a sua leitura fora

das salas de aula. Estabelecendo diálogos com visões sociais mais amplas, a narrativa histórica do autor encontrou interlocutores que também (re)construíram as memórias históricas do Brasil. Acreditar em leitores passivos e submissos é desconsiderar a pluralidade de práticas de leitura e a capacidade de (re)interpretação dos sujeitos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Aluísio de. Professor Joaquim Silva (Porto Seguro – Órgão do Grupo Escolar, 14.12.1964. Homenagem ao 1º Diretor do Grupo Escolar “Visconde de Porto Seguro”) **Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba**. Sorocaba (SP), v. 1, n.12, p. 177-179, ago. 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MELO, Luís Correia de. **Dicionário de Autores Paulistas**. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954.
- MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo (SP).
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau (org. do volume). **História da vida privada no Brasil: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3)
- VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do Fato. Uma proposta de estudo sobre a memória histórica**. São Paulo: Hucitec/Programa de Pós Graduação em História Social da USP, 1997.